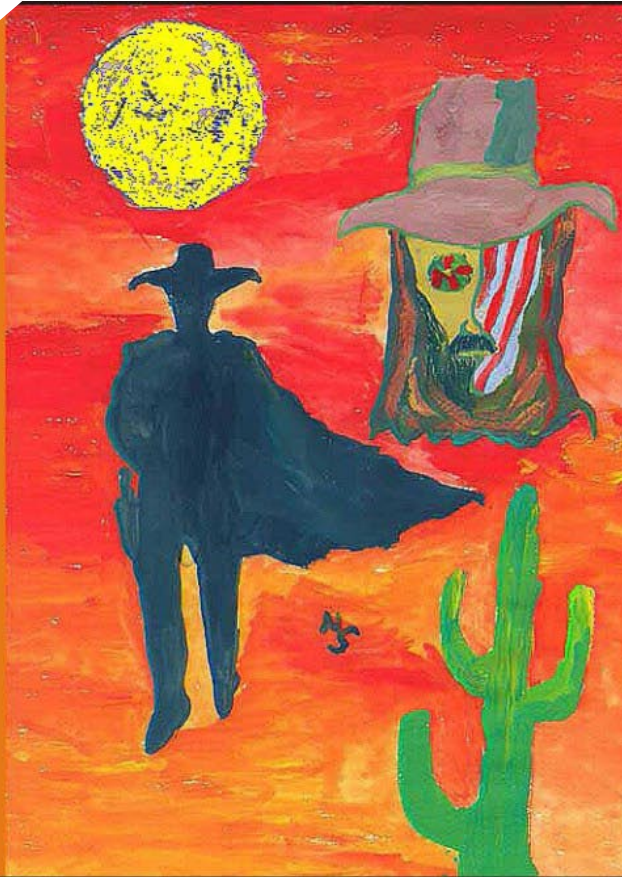


EXTRATO



Um homem, um cavalo, uma pistola

O spaghetti western,
seus primórdios
e sua herança

Márcio Salerno

Para Lee Van Cleef e
Gian Maria Volonté

Salutti!

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução | 4 |
| 1. Uma espada, uma sandália, um samurai | 6 |
| 2. Um caixão, um cemitério, um estilo | 10 |
| 3. Uma desforra, uma fuga, um confronto | 15 |
| 4. Um figurante, um ator, uma carreira | 22 |
| 5. Uma revolução, uma tendência, uma marca | 32 |
| 6. Uma estranheza, um susto, uma experiência | 40 |
| 7. Uma trilha, um maestro, um mito | 59 |
| 8. Uma risada, um crepúsculo, uma conclusão | 61 |
| Sobre o autor | 66 |
| Expediente | 67 |

Introdução

O título deste ensaio toma emprestado outro, o de um dos mais de 600 *spaghetti westerns* realizados, entre 1964 e 1976, por produtores, diretores e roteiristas italianos, na maioria dos filmes utilizando o cenário de Almeria, sul da Espanha, como locação. O filme está bem longe de ser um dos melhores exemplos do gênero, mas seu título dá uma boa introdução ao que esperar destas produções, que tinham na violência exacerbada seu principal atrativo.

Mas nem só de violência sem sentido foram feitos os *spaghetti westerns*, nome que aponta para o fato de os filmes serem um sub-gênero de outro, ou seja, o *western* propriamente dito, nascido na América do Norte e pertencente ao povo de lá, desde a época dos pioneiros. Mesmo sendo detestados pela

crítica, muitos destes filmes destacavam atores americanos, alguns deles tendo alcançado fama definitiva, no futuro, graças ao fato de terem participado de produções européias, no início de suas carreiras.

No Brasil as produções, naquela época, costumavam aportar em nossas salas com cerca de dois anos de atraso, quer dizer, filmes produzidos em 1964 chegaram aqui em 66, os produzidos em 65, em 67, e por aí vai. Quer dizer, em 1969, pelo menos na cidade onde este ensaísta se encontra, a maioria dos cinemas passava um *spaghetti western* atrás do outro, com algumas salas chegando a fazer festivais, com um filme por dia, tal era a oferta (e a demanda).

Com tudo isso, apesar de muito populares por aqui (e outros países do chamado Terceiro Mundo),

estes filmes eram recebidos com indiferença pela crítica especializada da época, que sequer chegava a assistir aos mesmos, já “caindo de pau” em cima deles, mal eram anunciados.

Diga-se de passagem que, em muitos casos, os filmes eram mesmo um caso perdido, tão ruins que nem valia a pena gastar o ingresso para passar duas horas sem pensar nos problemas da vida. Mas

há *spaghetti westerns* razoáveis, bons, muito bons e excepcionais. Este ensaio, claro, destaca a opinião de quem o escreve, ou seja, eu, que fui bombardeado por estes filmes justamente na época em que entrava na adolescência, tendo-os acompanhado até o início da vida adulta. Quer dizer, estas produções me marcaram muito, mas tenho certeza que não estou sozinho nessa.

I. Uma espada, uma sandália, um samurai

A gênese dos *spaghetti westerns* não está em sua contrapartida americana original, apesar de os filmes de John Ford, Howard Hawks, George Stevens etc., terem servido como modelo para produções europeias, a partir de 1966. O começo de tudo pode ser encontrado no Japão feudal e nos filmes dirigidos por Akira Kurosawa e estrelados, em sua maioria, por Toshiro Mifune, nos anos 50 e início dos 60.

Se um clássico do *western* americano, *Os Sete Magníficos*, de John Sturges, foi uma refilmagem de *Os Sete Samurais*, um dos primeiros e mais emblemáticos filmes japoneses do gênero, *Por um Punhado de Dólares* era outra refilmagem, de outro clássico de Kurosawa, *Yojimbo – O Guarda-Costas*, do início da década de 60.

O estranho sem nome que chega a uma cidade perdida no meio do nada, levado lá pelo acaso, as ruas empoeiradas e desertas, as quadrilhas de malfeitores que vivem de extorsão e contrabando, a luta solitária de um anti-herói que é tão mau-caráter quanto aqueles (pior, provavelmente), a surra que lhe é imposta pelos bandidos, a batalha final, onde a maioria da população da pequena vila acaba se mudando para o cemitério local, tudo isto está presente no personagem do *ronin*, um samurai sem mestre, vivido por Mifune em *Yojimbo*.

Por um Punhado de Dólares transpôs a ação para a fronteira EUA-México, com Clint Eastwood vivendo o *homem sem nome*, que chega ao vilarejo e segue a trilha de Mifune “pari passu”, até a surra e

a vingança final, só que ao som de tiros de pistolas e rifles, sem o *swish* das espadas dos samurais.

Por um Punhado de Dólares lançou a carreira cinematográfica de Eastwood que, depois de mais dois *spaguetti westerns*, *Por uns Dólares a Mais* e *O Bom, o Mau e o Feio*, todos dirigidos por Sergio Leone, artesão que virou mito entre os entusiastas do gênero, conheceu a fama. De Eastwood é desnecessário falar muito. De Leone, é bom esclarecer aqui que ele começou sua carreira no final da década de 50, co-dirigindo *Os Últimos Dias de Pompéia* (sem ser creditado), produto de outro gênero muito explorado pelo cinema de aventuras italiano, o *sword and sandal* (espada e sandália), que trazia aquelas aventuras de gladiadores invencíveis e filmes baseados em mitos gregos e romanos que também inundaram os cinemas brasileiros naqueles tempos. Antes dos *westerns*, ele ainda faria mais um filme deste gênero,

O Colosso de Rodes.

Depois da “trilogia do dólar”, Leone passou a ser um nome respeitado no meio e acabou se tornando mais um mito do cinema, do *western* em especial. Ele faria apenas mais três filmes, antes de morrer prematuramente, em 1985, mas foram produções que estão nos corações e mentes de todo cinéfilo hoje. *Era uma Vez... no Oeste*, trazia Henry Fonda, Charles Bronson e Jason Robards, três gigantes do cinema americano, contracenando com a beleza de tirar o fôlego de Claudia Cardinale, tudo isso com algumas tomadas rodadas diretamente em Utah, no local hoje conhecido como *Fordland*, uma vez que John Ford rodou muitos de seus *westerns* lá.

Era uma Vez... a Revolução, o mergulho de Leone na revolução mexicana, tema de vários *spaghetti westerns*, conseguiu reunir o diretor com um dos atores de *Os Sete Magníficos*, James Coburn,



Pistoleiros se enfrentam na abertura de *Era Uma Vez... no Oeste*, clássico de Sergio Leone

a quem Leone queria em *Por um Punhado de Dólares* mas não conseguiu, na ocasião (para sorte de Eastwood). Assim, com Eli Wallach, que vivia o bandido Calvero naquela produção, roubando a cena em *O Bom, o Mau e o Feio* e Charles Bronson, ou-

tro dos “sete homens” em *Era uma Vez... no Oeste*, Sergio Leone chegou a trabalhar com três atores daquele clássico americano.

Seu último filme, *Era uma Vez... na América*, teve produção complicada e só chegou às telas em

1984, pouco antes da morte de Sergio Leone, hoje, em uma época em que o *spaghetti western* passa por uma revisão em vários países europeus e até na América, o nome mais festejado do gênero. Ele merece, sem dúvida alguma. Mas Leone não foi o único a produzir clássicos. Outros diretores italianos chegam bem perto.



O trio principal de *O Bom, o Mau e o Feio*

Leia a sequência desta obra de Márcio Salerno



Adquira o arquivo completo por apenas R\$5,00
Faça transferência ou depósito no Banco do Brasil,
agência 1619-5, conta 41626-6,
para Henrique Magalhães. Mande o número do
envelope do depósito, seu pedido e seu endereço
para henriquemais@gmail.com

Para mais informações, acesse o sítio
www.marcadefantasia.com

Um homem, um cavalo, uma pistola: o spaghetti
western, seus primórdios e sua herança
Márcio Salerno
Série Veredas nº 17.
João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.
68p. Pdf.